

Entrevista com o Prof. Dr. Anselmo Pereira de Lima

Por: Talita Regina Roman Ronsani e Ana Claudia Nunes Martinelli



Anselmo Pereira de Lima é professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Pato Branco (PB). Atua como professor-pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e no Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês. Coordena a área de Língua Portuguesa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-CAPES). Autor dos livros “Visitas Técnicas: interação escola-empresa” (2010) e “Vozes da iniciação à docência” (2012) e de vários artigos sobre formação docente continuada, educação profissional e o problema dos gêneros do discurso. Concedeu uma

entrevista às acadêmicas Talita Regina Roman Ronsani e Ana Claudia Nunes Martinelli, do 8º Período do Curso de Letras, na disciplina “Laboratório de Leitura e Redação em Inglês: artigos e ensaios” ministrada por mim, Profª. Didiê Ana Ceni Denardi, em outubro de 2012, na UTFPR-PB. A primeira versão da entrevista foi reelaborada a convite da Revista *L@el em (Dis)-Curso* para ser publicada, considerando que a temática (artigo/escrita acadêmico/a) é de interesse de pesquisadores em formação, que é o público alvo da Revista.

Profª Drª Didiê Ana Ceni Denardi

Talita: O que o motiva a escrever um texto acadêmico?

Prof. Anselmo: Os textos acadêmicos que escrevo são, na maioria das vezes, artigos científicos que trazem, quase sempre, resultados de pesquisas que realizei ou que estou realizando. Minha maior motivação ao escrever um artigo científico é justamente a ideia de publicá-lo a fim de compartilhar com a comunidade em geral, seja ela acadêmica ou não, o conhecimento produzido por meio de meus estudos. Além disso, numa perspectiva bakhtiniana, um artigo científico corresponde a um enunciado concreto, em cujo ato de produção o sujeito falante leva sempre em conta seu destinatário ou seus destinatários, o que influencia diretamente a estrutura do texto em termos, por exemplo, dos

recursos lexicais e sintáticos escolhidos e empregados. Nessa mesma perspectiva, o artigo científico, como qualquer enunciado concreto, corresponde a uma resposta a enunciados anteriores e, ao mesmo tempo, a uma antecipação de enunciados-resposta posteriores. Para os desavisados, o desafio pode parecer pequeno, mas não é! Responder a enunciados anteriores por meio da produção de um artigo científico equivale a ter diante de si a responsabilidade de dar conta, de alguma forma, de “toda” a produção científica existente a respeito do objeto estudado. Obviamente, boa parte dessa produção anterior escapa ao autor. Nesse caso, antecipando a resposta do público leitor, especialmente dos pareceristas das revistas científicas, é essencial que o articulista tente não ignorar os trabalhos científicos anteriores que se constituem como essenciais. Dar conta desse diálogo e desse dialogismo não é fácil, mas é um desafio motivador.

Ana Cláudia: Qual é sua área específica de pesquisa?

Prof. Anselmo: Minha área específica de pesquisa é minha área de formação, a *Linguística Aplicada e os Estudos da Linguagem*. Como a entendo e também como muitos a entendem, a Linguística Aplicada é uma “disciplina interdisciplinar”. Por exemplo, em minha maneira de praticá-la, há a articulação da Linguística com a Psicologia do Trabalho, com a Psicologia Histórico-Cultural, com a Educação, com a Filosofia, com a Ergonomia da Atividade, com a Ergologia, e assim por diante, mas principalmente com as ciências mais voltadas para a questão do trabalho e do desenvolvimento humano: sempre numa perspectiva da interdisciplinaridade. Além disso, a Linguística Aplicada têm como objeto de estudo a língua/linguagem em uso em situações reais de interação entre diferentes sujeitos, em sua vida cotidiana, na sociedade. Como todas as esferas de atividade humana estão ligadas ao uso da língua/linguagem e como a realidade social é a realidade dos problemas humanos, a Linguística Aplicada – por meio dos Estudos da Linguagem – tem como um de seus objetivos principais dar uma contribuição para a compreensão e a resolução de determinados problemas sociais. Assim, minha área específica de atuação acaba não sendo apenas uma área de pesquisa, mas também de intervenção, de ação transformadora sobre realidades, com vistas à efetivamente transformá-las mediante a parceria com os próprios sujeitos de pesquisa. É justamente essa transformação, que pode ou não ocorrer como resultado da pesquisa e da intervenção, que se constitui como objeto primeiro de minhas investigações. Numa perspectiva vigotskiana, acredito que para estudar esse desenvolvimento é preciso provocá-lo, uma vez que é somente em movimento que um corpo mostra o que é... Quando esse desenvolvimento não ocorre, apesar da provocação, o

objeto da pesquisa passa a ser a história de um desenvolvimento que não ocorreu e dos motivos que levaram a isso. O estudo de aspectos que impedem o desenvolvimento é tão importante quanto o estudo de aspectos que o desencadeiam.

Talita: Com que frequência você escreve artigos científicos para publicação?

Prof. Anselmo: No mínimo um por ano. Procuo escrever ao menos um, talvez dois ou três, mas não – como é o caso de muitos – cinco, dez, quinze, vinte ou mesmo vinte e cinco! Entendo que um artigo deve ter qualidade, isto é, deve ser de fato uma contribuição para o avanço do conhecimento em determinada área do saber. Procuo levar isso muito a sério. O produtivismo, que consiste na busca cega da quantidade de publicações acima de tudo, é um problema grave no meio acadêmico. Muitas vezes parece que a única coisa que esperam de nós é a quantidade, frequentemente em detrimento da qualidade. Cobram do pesquisador produção, isto é, cobram quantidade. Não são muito populares mecanismos que efetivamente avaliem e levem em conta a qualidade dos artigos produzidos e que não se restrinjam à mera identificação da quantidade de vezes que determinado trabalho foi ou é citado. Além disso, penso que o fato de um artigo ter sido publicado em uma revista que tem um *qualis* mais elevado não quer dizer necessária e infalivelmente que de fato o artigo tem qualidade e que é realmente uma contribuição superior à de um artigo publicado em revistas com *qualis* menos elevados. Reconheço que avaliar a produção científica de um pesquisador de acordo com critérios de qualidade é bastante complexo e de extrema dificuldade, mas é necessário. É preciso avançar também nesse sentido. Do contrário, como resultado, passa a não importar tanto para muitos “pesquisadores” se os artigos que produzem têm qualidade ou não, se realmente são uma contribuição para suas áreas de conhecimento ou não. Como atualmente parece importar muito mais a quantidade, para eles também a quantidade vem em primeiro lugar e a atividade do pesquisador, em minha opinião, acaba perdendo o sentido. Existe, então, uma pressão para que o pesquisador escreva muito mais, uma dezena de artigos por ano, se é que isto é possível! Um, dois ou três talvez, mas com muito esforço. Enfim, nesse contexto, apesar de tudo, apesar de algumas vezes infelizmente perder fomentos junto às agências financiadoras na concorrência com pesquisadores produtivistas, uma meta que tenho é produzir pelo menos um artigo científico por ano, mas com qualidade. Menos quantidade, mais qualidade. Uma coisa é certa para mim: se o pesquisador investir mais em qualidade, não conseguirá avançar muito na quantidade. Pensará muito antes de publicar banalidades. O inverso também é verdadeiro.

Ana Claudia: *Como você realiza a seleção de textos para a elaboração de um artigo?*

Prof. Anselmo: Normalmente, quando penso em uma problemática de pesquisa ou em uma temática para um artigo, sempre penso a partir de textos que já li, os quais são trabalhos que tratam dos assuntos de pesquisa que me interessam. De certa forma, a problemática que vai também motivar a elaboração de um texto científico é uma problemática que já nasce a partir das leituras que eu já fiz. Sendo assim, quando vou redigir um artigo para apresentar resultados de uma pesquisa, tenho claro para mim que o estudo nasceu das leituras. Portanto, não decido o assunto e depois seleciono as leituras: são as leituras que já fiz que me levam a decidir por um assunto e essas leituras que me levam a esse assunto – e outras que eu seleciono ao longo do processo – entram como referências bibliográficas do artigo. Tenho minha biblioteca pessoal. Pego um livro lido e outro e vou produzindo meu texto. Todos esses livros entram nas referências, posteriormente.

Talita: *Como você distingue artigo de ensaio? Qual a importância de cada gênero?*

Prof. Anselmo: Uma boa pergunta... Na minha visão, o artigo científico corresponde a um gênero em que temos menos liberdade de criação. Digo isso em relação ao formato. No artigo científico, há uma temática e uma problemática ligada à temática. Você tem ali uma ou algumas questões de pesquisa, as quais você busca relacionar à fundamentação teórica, à metodologia, aos métodos, ao contexto. Há uma parte de análises, em que se apresentam e analisam dados. Há também uma parte de considerações finais e também de referências bibliográficas. De certa forma, essa estrutura do artigo científico é uma estrutura mais rígida. Essas partes, que devem aparecer de uma forma ou de outra, são necessárias, mesmo indispensáveis em um artigo científico. Com o ensaio não será assim. Nele, a partir de sua maturidade científica, você tecerá considerações mais livres a respeito de determinado assunto. É muito importante ressaltar que liberdade aqui não deve ser confundida com irresponsabilidade científica... O ensaio frequentemente é relacionado à literatura, digo a literatura como arte. Há ensaios que são verdadeiras obras de literatura, no sentido artístico. Na literatura, a liberdade para criar é muito maior. Acredito que os dois gêneros são igualmente importantes. Não creio que haja como definir qual é mais ou menos importante. O artigo científico tem a sua importância no cumprimento de uma função acadêmica específica e o ensaio também. Cada um, no seu espaço, em seu lugar, seu tempo, com sua inserção contextual, tem sua importância. Não há como dizer que um seja mais importante que o outro. É frequente também que artigos científicos

citem ensaios e que ensaios citem artigos científicos. Nesse caso, é comum ocorrer uma mistura dos dois gêneros e, quando isso ocorre, passamos a ter um texto que não é nem artigo científico nem ensaio, mas um artigo-ensaio! Independentemente de ser artigo, ensaio ou artigo-ensaio, esses textos são importantes especialmente por se constituírem como formas academicamente aceitas e cientificamente validadas de fazer circular o conhecimento, o que é – no fim das contas – indispensável para o avanço da ciência.

Ana Claudia: *Você poderia discorrer sobre a escrita?*

Prof. Anselmo: Falar de escrita é falar de reescrita! Escrever é uma atividade que consiste em grande parte em constantemente reescrever um texto. Por exemplo: quando produzimos um artigo científico e chegamos a uma versão que consideramos publicável, que pode ser enviada para uma revista para avaliação e talvez futura publicação, na realidade estamos lidando com uma versão provisoriamente acabada de nosso texto. Sendo assim, depois que um texto foi aceito e publicado, é muito comum o autor voltar a olhar aquele texto e abrir a boca assustado, dizendo assim: “Puxa! Mas por que escrevi isto nesta ordem?” ou “Por que inverti a ordem?” ou mesmo “Por que não disse mais aquilo?” e “Por que disse isso desse jeito e não de outro?”. Isso mostra que cada vez que você se aproxima do texto que está escrevendo, você o transforma, o modifica, porque você tem dele outra visão. Isso, para mim, indica fundamentalmente que escrever corresponde a uma atividade dirigida. O produtor de um texto leva constantemente em conta seu leitor ou, de modo mais amplo, seu público leitor. Ao reler o que considera sua versão supostamente acabada, coloca-se no lugar do leitor, procurando pensar como ele pensa, esforçando-se para ver o texto como ele vê ou como ele o veria. Esse movimento de “saída de si” para observar-se de fora, do lugar do outro, nos ensina que a relação do produtor de um texto com o texto em produção corresponde a um exercício de tornar-se outro para si mesmo. Está implicada nesse processo toda a problemática da alteridade: o autor busca acessar de alguma forma ao menos uma parte do excedente de visão do leitor. Ao obter algum êxito nesse esforço, o texto até então produzido causa estranhamento, revela suas lacunas... Então cabe ao autor reescrevê-lo, numa tentativa de produzir sobre o leitor o efeito ou os efeitos que deseja. O que aconteceria com o texto desta entrevista se eu pudesse voltar a ele após algum tempo? Eu certamente não diria do mesmo modo o que está aqui dito... Mas, após a publicação, é preciso suportar o estranhamento, lidar com as lacunas e talvez contar com a condescendência do público leitor.